



HISTÓRIA SOBRE DECADÊNCIA: AS MULHERES DA ELITE EM “AS MENINAS”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Story about decadence: the elite women in “As Meninas”, by Lygia Fagundes Telles

Marília Garcia Boldorini – marliaboldorini@gmail.com

Universidade da Região de Joinville, Univille, Joinville, Santa Catarina, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-0748-4680>

Roberta Barros Meira – rbmeira@gmail.com

Universidade da Região de Joinville, Univille, Joinville, Santa Catarina, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-7739-216X>

Mariluci Neis Carelli – mariluci.carelli@gmail.com

Universidade da Região de Joinville, Univille, Joinville, Santa Catarina, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-0107-383X>

RESUMO: Lygia Fagundes Telles é habilidosa ao retratar na sua literatura a classe média alta brasileira, ironizando seus valores, hábitos e costumes. Seu livro *As Meninas*, de 1973, aborda o período da ditadura civil-militar (1964–1985), por meio de três tipos sociais da juventude da época. Este artigo objetivou refletir, mediante pesquisa bibliográfica e documental, sobre as experiências de um desses três tipos descritos na obra. Trata-se de Lorena Vaz Leme, representante de uma família tradicional e aristocrata decadente. Vê-se que, como reflexo do autoritarismo vivido no Brasil, a angústia pela condição existencial se manifesta. Lorena, por exemplo, aliena-se em sua própria proteção e evidencia a crise e a continuidade de valores e comportamentos enraizados no patriarcalismo.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem literária; burguesia paulista; patriarcalismo; ditadura civil-militar; Lygia Fagundes Telles.

ABSTRACT: Lygia Fagundes Telles is skilled at portraying the Brazilian upper middle class in her literature, mocking its values, habits and customs. Her book *As Meninas*, published in 1973, addresses the period of the civil-military dictatorship (1964–1985) through three social types of youth of the time. This article aimed to reflect, through bibliographic and documentary research, on the experiences of one of these three types described in the work: Lorena Vaz Leme, a representative of a traditional and decadent aristocratic family. It can be seen that, as a reflection of the authoritarianism experienced in Brazil, the anguish over her existential condition manifests itself. Lorena, for example, alienates herself in her own protection and highlights the crisis and continuity of values and behaviors rooted in patriarchy.

KEYWORDS: Literary landscape; São Paulo bourgeoisie; patriarchy; civil-military dictatorship; Lygia Fagundes Telles.

Recebido em: 04/07/2025

Aceito em: 22/08/2025

1 INTRODUÇÃO

Uma das maiores escritoras da literatura brasileira, Lygia Fagundes Telles em suas obras problematiza paradigmas socioculturais sob a perspectiva feminina, trazendo para o centro de suas histórias mulheres que muitas vezes são vistas como transgressoras, ousadas e rebeldes. A principal

característica da literatura da autora são suas personagens femininas fortes que fogem das expectativas impostas pela sociedade e se distanciam dos estereótipos e normas sociais estabelecidos. Elas também ultrapassam o papel restrito ao ambiente doméstico, o que foi uma inovação para a época das publicações, o século XX. Lygia aborda nas suas obras questões essenciais para o universo feminino, como a liberdade e o direito da mulher de decidir sobre seu próprio destino, sem deixar de lado sua postura questionadora a respeito do contexto em que se insere.

Ademais, um dos pontos fortes da literatura lygiana é a descrição muito apropriada da classe média alta brasileira, revelando acuidade nessa tarefa, pois a própria autora provinha das classes mais altas da sociedade paulistana e fora privilegiada economicamente desde criança. Por isso, era capaz de traçar bastante bem o perfil dos valores dessa classe, embora fosse cautelosa ao ironizar costumes e hábitos arraigados desse grupo social. Nessa perspectiva, argumenta Tezza (2009) em posfácio para a edição mais recente de *As Meninas* que esta, por exemplo, constrói sua estrutura em torno da afirmação do indivíduo e da solidão, por meio de uma escrita que não apresenta respostas prontas. Embora pertença social e ideologicamente ao universo de seus personagens, a narrativa expõe os mesmos valores do leitor, refletindo as tensões do tempo vivido.

Em suas obras, Lygia revela a posição conservadora dos estratos mais altos da sociedade, por meio da ironia, denunciando atitudes de um grupo privilegiado que não tem consciência desse privilégio, mas que se sustenta nessa estrutura de poder marcada por uma ideologia que visa à permanência da desigualdade mediante a negação de direitos aos menos favorecidos socialmente, como é o caso da classe trabalhadora e da periferia.

Como afirma Andrade (2019, p. 2), Lygia Fagundes Telles “descreve as formas sub-reptícias de poder em regimes de declarada desigualdade social”, que, em conjunto com a miséria, consiste em uma construção cultivada pelo poder político da elite financeira do país. Somente pela exploração do outro o poder é estruturado e legitimado, e vê-se como impossível, ou utópica, a reação ou a mudança. Em *As Meninas*, por exemplo:

Com o tempo foi descobrindo os pecados maiores da amada, vícios próprios da burguesia, como diz Lião: soberba e avaréza. A gula também entra, Lião já provou nas suas pesquisas que burguesa de país subdesenvolvido é gulosíssima: aos trinta anos estão todas com uma papada e um popô do tamanho do Jaraguá (Telles, 2009, p. 72).

De maneira específica, o livro *As Meninas*, publicado em 1973, traz reflexões e questionamentos sobre o período da ditadura civil-militar (1964–1985), instalada no Brasil pouco tempo antes. A narrativa, que se passa ao longo de apenas dois dias, num pensionato de freiras na região central da cidade de São Paulo (SP), durante o regime, relata as experiências do início da vida adulta de três jovens universitárias,

Lia de Melo Schultz, Lorena Vaz Leme e Ana Clara Conceição, enquanto sua faculdade está em greve, bem como sua busca por identidade.

Para Botelho e Leite (2016), ao retratar em suas personagens a juventude brasileira heterogênea dos anos 1970, a obra transformou-se em porta-voz do sujeito feminino, que buscava maior representatividade no período ante a crise que vivia o patriarcalismo¹. Ainda, serviu como importante instrumento de denúncia dos abusos cometidos pelo regime ditatorial implementado no Brasil.

A história gira em torno dos dilemas das personagens, de mundos diferentes, mas que, apesar disso, almejam os mesmos objetivos: desvencilhar-se do jugo familiar, das regras e convenções sociais e da repressão, alcançando identidade própria. Todavia, elas o fazem cada uma a seu modo. Para Ribeiro (2017), tal pluralidade vocal reforça a ideia do feminismo multifacetado, ou interseccional, que começou a surgir no período.

Sabe-se que as mulheres tiveram movimentação importante não obstante o momento em que o Brasil vivia, na segunda metade do século XX, logo após terem vivido um momento fervilhante em razão da revolução contracultural, nos anos de 1960. O objetivo aqui, então, é problematizar, mediante pesquisa bibliográfica e documental, as experiências, as conquistas, os desejos, os anseios e as frustrações de um dos três tipos sociais descritos na obra *As Meninas* da juventude do período. Especificamente, este artigo trata da personagem Lorena Vaz Leme, que representa a classe média, de uma família tradicional e aristocrata, mas que nos dias correntes não mais usufrui o *status* de outrora.

2 LORENA: A BELA, RECATADA E DO LAR

Na narrativa *As Meninas*, a representante da classe média alta é Lorena Vaz Leme. A jovem descende de bandeirantes e é filha de uma família quatrocentona: “– A nhem-nhem tem um álbum de retratos na arca. Capa de veludo. Fecho de prata. Toda a parentela antiga posando em sépia. Finge que não liga mas não pensa noutra coisa. Não sossegou enquanto não me mostrou todos” (Telles, 2009, p. 174). A garota dá vida ao típico estereótipo da burguesia brasileira:

- Se ele não telefonar, vamos nós, Lião. Tenho oriehnid [dinheiro] até para caviar.
- Russo?
- Não, querida, do Irã. O melhor caviar do mundo. Remo, meu irmão, mandou uma lata (Telles, 2009, p. 22).

¹ Pateman (1993) afirma que o patriarcalismo é um sistema social, político e cultural de poder e autoridade exercido pelos homens com o objetivo de controlar o corpo feminino e tudo o que o envolve. Nesse modelo, as mulheres são com frequência subjugadas ou vistas em papéis subordinados em várias esferas da vida, tendo seu espaço restrito ao cuidado doméstico e à reprodução.

Estudante de Direito, segue uma carreira tradicionalmente conferida aos filhos da elite brasileira, mas não sem uma pitada de subversão das convenções sociais, pois até então na área do Direito predominava a figura masculina, dando pistas de que não era tão estanke quanto aparentava, ou de que desejava romper com a estrutura arraigada de princípios e valores até então perpetuados por sua classe social².

Em meio a dissimulações, encarna um espírito alheio ao mundo, preocupando-se com detalhes que, ao ver da amiga Lia, são insignificantes, sobretudo pelo contexto sociopolítico da época. Lygia traça um retrato da elite paulista similar à interpretação realizada por Machado de Assis algumas décadas antes. Chalhoub (1998, p. 111) ao analisar a obra do autor oitocentista explicita a ênfase dada à insipidez dos discursos da elite e à “filosofia da ponta do nariz”. Os temas como o “tamanho da barretina da guarda nacional” ou o entendimento do servilismo e devoção absoluta das personagens das classes mais pobres são marcas presentes nos espaços econômicos, políticos, mas igualmente, no cotidiano dessas pessoas, mesmo nas suas fases de decadência.

Lorena me entrega a xícara com seus fagueiros desenhos de pássaros e florinhas. A toalha de linho combina com a xícara, uma toalha com uma exuberante estamparia tropical. As poltroninhas claras. Os objetos raros.
– Tudo aqui é muito fagueiro, muito bonito (Telles, 2009, p. 31).

De fato, de acordo com a amiga Lia, Lorena “queria ser santa. Pura como esse perfume de rosas que se enrola em mim e me dá sono” (Telles, 2009, p. 15). De uma classe social mais favorecida, a jovem entende-se superior a tudo e todos. Ainda segundo Lia: “Morre de pena de todo mundo. Vai ver, morreu também de pena de mim quando disse que rasguei tudo. Não é uma forma de esconder seu sentimento de superioridade? Ter pena dos outros não é se sentir superior a esses outros?” (Telles, 2009, p. 31).

O modelo ideal da mulher branca, na elite brasileira, foi configurado desde o período colonial seguindo as crenças da Igreja católica, principalmente apoiada na imagem de Nossa Senhora. A maternidade, o casamento, a religiosidade e a devoção ao lar eram os principais ideais a serem alcançados. De acordo com Priore (1994, p. 59), “as figuras femininas constituíram um contar que trazia uma forte percepção de imobilidade, sacrifício, religiosidade extrema, submissão sexual, reclusão”. Não é, portanto, simples coincidência que Lygia traga a continuidade da visão patriarcal que regeu as pautas de costumes das mulheres da elite paulistana por séculos. Além disso, o discurso da caridade cristã caminhou de mãos

² As faculdades de Direito e Medicina foram os primeiros cursos criados no Brasil. Em São Paulo, a Faculdade de Direito foi criada em 1827, sendo responsável pela formação de quadros profissionais importantes para o Estado brasileiro. Com a República, a importância dos chamados bacharéis se manteve, embora sofresse algumas críticas que reforçavam a importância da formação de outros quadros técnicos, como os engenheiros (Carvalho, 1980).

dadas com os sentimentos de superioridade e racismo quando o tema eram as populações pobres ou consideradas fora do *status quo* ainda definido pelos parâmetros eugenistas.

Por mais que Lorena demonstre pensamentos um tanto quanto diferentes daqueles da classe a que pertence, por ser de outra geração, vê-se que os preconceitos compartilhados por sua classe social estão enraizados nela, ou seja, fazem parte de quem ela é, não sendo possível desvencilhar-se deles, por mais que saiba que não deveria pensar dessa maneira, ou se aventem novas possibilidades de pensar o mundo e o outro:

“Mais vinho, Lião?” O vinho ela aceita. Também aceita a lagosta, fala lagostim. Mas precisa lembrar a estatística das criancinhas morrendo de fome no Nordeste, esse assunto de Nordeste às vezes exorbita. Não sei até quando a gente vai ter que carregar esse povo nas costas, horrível pensar isso mas agora já pensei e estou pensando ainda que se Deus não está lá é porque deve ter suas razões. – Ah. Sou um monstro. Queria tanto ser diferente, mas queria tanto (Telles, 2009, p. 23).

É importante pontuar, porém, que Lorena pertence no momento da narrativa a uma aristocracia decadente, que outrora esteve no topo, mas que caiu de patamar diante dos problemas socioeconômicos que o Brasil enfrentou no começo do século XX³:

A governanta de Lorena era inglesa. Nhem-nhem nhem-nhem. Disse que chegou a escrever melhor em inglês porque a governanta que morava na fazenda. Parece um inseto. Acabou, não acabou? Aí é que está. Não acabou? Não tem mais fazenda nem governanta nem nada. Acabou. Do resto do oriehnid o moço da mãezinha se incumbe. Bem feito (Telles, 2009, p. 52).

Importa lembrar que, na década de 1920, o discurso que retoma a herança dos supostos antepassados bandeirantes ganhou força na elite paulistana. Igualmente, conforme Ferretti (2008, p. 74), nos momentos de “crise de hegemonia” desse grupo, o passado colonial legitima ações políticas e econômicas. Presa a um passado que não mais existe, a infância de Lorena representa a segurança familiar, financeira, social etc., ou seja, o ideal da vida burguesa, uma época em que tinha família, prestígio, *status*,

³ Barreiros (2009) explica que, no fim do século XIX e início do século XX, a elite da cidade de São Paulo estava diretamente ligada ao mundo rural, e o principal produto agrário à época era o café. Assim, infere-se que a família oriunda de bandeirantes e “quatrocentona” de Lorena, os Vaz Leme, tenha pertencido a esse grupo aristocrata, cultivando primeiramente cana-de-açúcar – “Na minha fazenda tinha um moedor de cana, as crianças adoravam garapa” (Telles, 2009, p. 229) – e mais tarde café. A narrativa cita, por exemplo, que seu pai era fazendeiro e sua mãe, depois da morte dele, precisou se desfazer da fazenda, pois precisava daquele dinheiro: “Ficou sabendo das casas, dos terrenos, ficou sabendo por quanto foi vendida a fazenda e onde ela empregou o dinheiro, ficou sabendo de tudo” (Telles, 2009, p. 74). A decadência da elite cafeeira paulista, que dominava a economia e a política de São Paulo, pode ser atribuída a diversos fatores, todos motivados por transformações econômicas, políticas e sociais, como a superprodução de café nas décadas de 1910 e 20, que levou à queda dos preços internacionais; a diversificação da economia; a transição da mão de obra escrava e depois imigrante para a mão de obra assalariada; e a instabilidade política e insatisfação com o governo, levando à deposição do presidente Washington Luís, que pertencia à elite cafeeira, pondo fim à hegemonia política dos cafeicultores. No entanto, mesmo tendo perdido a hegemonia de que dispunha no Segundo Reinado, essa elite continuou com a pompa e o *status quo* de outrora (Barreiros, 2009).

governantas estrangeiras⁴: “– E o cheiro, Lorena. Cheiro de riqueza, putz” (Telles, 2009, p. 257). Uma época que passou. Apesar de ainda manter os ideais burgueses de quando era criança, ou de tentar fazê-lo, mesmo não ocupando uma posição tão privilegiada como ocupara anteriormente, a jovem entende que agora o mundo é outro. Desse modo, ela representa na obra a decadência em relação aos valores sociais instituídos, e sua intenção é reavê-los, não importando-se muito com as consequências dessa volta a um mundo de privilégios.

Para Andrade (2019), a ideologia entre a elite da época compreendia que a democracia confundia os reais interesses de sua classe. Assim, para não perder seus privilégios, histórica e socialmente imputados a ela, essa elite trabalhava proficuamente para legitimar seu lugar nesse jogo. Com Lorena e sua mãe, não é diferente; ambas querem voltar ao seu passado de glórias e privilégios, mas também repleto de preconceitos. Almeja o mesmo grande parte da burguesia. Precisa manter as aparências, embora até para Lorena seja difícil fazê-lo:

[Lorena:] – Comprei Proust, não é fino? M.N. tem paixão por Proust. Vou ter que ler mas confesso que acho um pouco chato.

[Lia:] – Grrr! Romance de grã-fino e grã-fino de antigamente é o fim. Nunca tive sacola pra isso (Telles, 2009, p. 28).

É possível alcançar a caracterização exata de Lorena, no entanto, mediante a descrição da paisagem que circunda a personagem. Ou seja, seu quarto no Pensionato Nossa Senhora de Fátima é o exemplo máximo dessa afirmação. Nessa perspectiva, Rodrigues (2014, p. 58) argumenta:

O quarto de Lorena funciona como um espaço de fuga, perfeito e organizado. Na medida em que conforta, faz com que a personagem não viva o mundo lá fora, faz com que viva novamente o conforto familiar perdido, estruturado de maneira a conduzir Lorena a um modelo de vida perfeito, que sua família decadente não lhe pode mais proporcionar.

Segundo Oliani (2013), a decisão da mãe de Lorena de instalá-la em um pensionato de freiras revela o seu conservadorismo e a vontade de manter a filha entre os domínios da tradição católica e, por que não dizer, patriarcalista⁵. Nesse quarto, a jovem encerra-se, isola-se de uma sociedade cujas

⁴ As governantas estrangeiras entraram em cena no Brasil no fim do século XIX e início do XX substituindo as mulheres escravizadas que trabalhavam nos espaços domésticos. A eugenia que abarca os espaços médicos e as pautas religiosas e de costumes passaram a defender o perigo do contágio tanto de doenças como de comportamentos depravados ou “incivilizados” nas crianças da elite educadas por mulheres negras. Essas ideias aparecem nas obras de José de Alencar, Mário de Andrade e nos diários de viajantes, como no caso da inglesa Maria Graham. Por fim, podemos destacar os relatos de Binzer (2017), governanta alemã que passou três anos entre o Rio de Janeiro e São Paulo, trabalhando para famílias tradicionais.

⁵ As escolas religiosas localizadas nos conventos se tornaram centros de formação de um padrão ideal de mulheres da elite desde o período colonial. Esses espaços foram durante parte expressiva da história brasileira os únicos em que as mulheres tinham acesso à educação formal, uma vez que a preocupação da elite era formar os filhos homens. As alunas eram preparadas para escolher duas possibilidades: o casamento ou a vida religiosa (Furtado, 2001).

características principais são a repressão, o silêncio, a dor, o desaparecimento de familiares e a tortura. Ao criar por intermédio das paredes de seu quarto seu próprio exílio, ou um exílio de si mesma, pode-se entender que ela é tanto conivente com os atos do regime militar como também resistente a eles. Mantém-se distante dos acontecimentos políticos, contudo ajuda Lia – e, por consequência, a luta armada – financeiramente. Conforme Umbach e Hermes (2022), Lorena não é alienada, como pensava Lia, mas quer alienar-se.

O silêncio de Lorena semantiza o silêncio da sociedade [...]. O motivo que pode ser especulado com maior grau de assertividade é a própria alienação, ou ainda, apresentação da classe burguesa que, em parte foi favorável ao golpe [civil-militar], cedendo aos interesses capitalistas norte-americanos aglutinados ao elitismo local (Umbach; Hermes, 2022, p. 9).

O quarto que pertence a Lorena no pensionato foi reformado⁶ pela mãe da jovem quando esta passou a habitá-lo e recebeu pintura rosa e dourada, cores que simbolizam a feminilidade e também os sonhos e os devaneios, um mundo áureo e em que não há problemas:

Lá fora as coisas podem estar pretas mas aqui tudo é rosa e ouro. “É preciso ter um peito de ferro pra aguentar esta cidade”, diz a Lião que cruza esta cidade com sua alpargata azul. Mas não entro na transa e nem quero. Faculdade, cinema, um pouco de clube (clube fechado) uma ou outra lanchonete, compras nas minhas lojas especialíssimas. O oriehnid vem num envelope. Dia de comprar livros e discos, dia de Deus me visitar, Oi, Lorena. Às vezes, o medo, não da cidade (tão remota para mim como seu povo) mas um medo que nasce debaixo da minha cama. Imagine se lesse jornais como a Lião, ela lê milhares de jornais por dia, recorta artigos (Telles, 2009, p. 60).

Lorena passou a chamar o espaço que habita na pensão de concha, numa alusão à sua necessidade de se sentir protegida das mazelas do mundo real. Essa representação de conforto e proteção funciona para a jovem, mas também para Lia e Ana Clara. O quarto serve como um espaço suspenso da realidade, um refúgio para as meninas; nada nem ninguém pode atingi-las quando estão ali:

Bom é ficar olhando a sala iluminada de um apartamento lá adiante, as pessoas tão inofensivas na rotina. Comem e não vejo o que comem. Falam e não ouço o que dizem, harmonia total sem barulho e sem braveza. Um pouco que alguém se aproxime e já sente odores. Vozes. Um pouco mais e já nem é espectador, vira testemunha. Se abre o bico para dizer boa-noite! passa de testemunha para participante. E não adianta fazer aquela cara de nuvem se diluindo ao largo porque nessa altura já puxaram a nuvem para

⁶ Conforme Priore (2019), até a década de 1970 ficava restrita às famílias mais abastadas a contratação de profissionais de decoração, os quais cuidavam de tudo, desde a organização do espaço e das peças até a escolha de estofados, cortinas, tapetes etc. Não havia a preocupação com o quanto se gastaria. De todo modo, a decoração era privilégio de poucos.

dentro e a janela-guilhotina fechou rápida. Eram laços frouxos? Viraram tentáculos. Ah, que alegria quando fico aqui sozinha. Sozinha (Telles, 2009, p. 50).

A esse respeito, pode-se levantar a hipótese de que Lygia utiliza os espaços da pensão e o comportamento de Lorena para retratar a postura de parte da elite de defesa da neutralidade e isenção de culpa pelo desconhecimento dos crimes cometidos durante a ditadura civil-militar⁷. Em contrapartida, a defesa da honra, da família, da religião, da moral e dos bons costumes era acionada na manutenção do *status quo* das personagens. Pensar os tempos de chumbo como parte de uma ditadura toca em partes da história ainda sombreadas, assim como a escrita de Lygia.

Seu isolamento nesse pequeno mundo que criou para si mesma é tão grande a ponto de Lorena ser a única personagem da obra que em nenhum momento da narrativa deixa o pensionato ou o seu quarto. Como diz Lia: “Saio e bato o portão. Vejo-a como uma prisioneira através das grades do seu jardim. Sinto uma certa tristeza mas logo tenho vontade de rir. Pontos de vista: para ela a prisioneira não sou eu?” (Telles, 2009, p. 169). Segundo Dalcastagnè (2003), enquanto Lia aparece em reuniões do grupo com o qual militava contra o regime militar e Ana Clara surge por diversas passagens na casa do namorado Max, Lorena segue enclausurada em seu espaço, ou na bolha de proteção que ergueu à sua volta, à espera de um telefonema que nunca chega:

– Dias inteiros tão azuis e essa moça aí escondida no quarto. Madre Alix perguntou hoje se você está bem, ela até estranhou.
– Estou ótima, minha Irmã. A Faculdade está em greve, não tenho nada que fazer lá. Se meu amado telefonar, vou jantar com ele. Ninguém telefonou? (Telles, 2009, p. 75).

O espaço criado por Lorena, fictício e ficcional, mantém o *status quo* de sua classe social e a imposição das convenções sociais em que seu estrato se sustenta e com que compactua, numa esfera, segundo Rodrigues (2014), de forte marca da alienação burguesa em relação ao mundo além da sua concha e ao conturbado momento político por que o país passava, o caos provocado pelo regime militar: “Ainda ponho uma placa na minha concha: *Perdão pela ordem, pela limpeza, perdão pelo requinte e pelo supérfluo mas aqui reside uma cidadã civilizada da mais civilizada cidade do Brasil. Vão me perdoar?*” (Telles, 2009, p. 63). A eugenia que liga a ordem e a limpeza à “civilização branca” no passado se alia nos períodos de repressão aos discursos de limpeza das ideias e dos “bárbaros” que não comungam dos mesmos ideais. Os discursos contra o comunismo resultam em medidas marcadas pela violência extrema, que trazem um forte simbolismo na própria nomeação das operações de repressão, como ocorreu na Operação Limpeza com a edição do Ato Institucional nº 1 (Fico, 2004).

⁷ Para a discussão sobre o termo *ditadura civil-militar*, ver o trabalho de Motta, Reis e Ridenti (2014).

Ainda, Lorena representa com a atitude de manter-se em sua concha o conservadorismo e, por sua vez, todas as mulheres da classe burguesa, que permaneceram por séculos no espaço fechado, doméstico, privado, por imposição da lógica patriarcalista, em vez de tomar as ruas e ocupar os espaços públicos. Portanto, a jovem repete atos de um passado patriarcal, recusando-se a romper com ele.

A manutenção da mulher na esfera doméstica, para Faria (1997), sempre foi muito interessante para o Estado autoritário e para a sociedade capitalista, considerando que limitar a mulher ao âmbito do lar fez com que ela se tornasse um dos seus alicerces. As mulheres ganhavam o direito à rua e à atuação política somente em alguns momentos fundamentais para a manutenção do *status quo* defendido pela elite ou a legitimação de governos ditatoriais, como no caso da Marcha da Família com Deus pela Liberdade (Cordeiro, 2021).

- Jura dizer a verdade, só a verdade, nada além da verdade?
- Juro.
- Nome, por favor.
- Lorena Vaz Leme.
- Universitária?
- Universitária. Direito.
- Pertence a algum grupo político?
- Não.
- Por acaso faz parte de algum desses movimentos de libertação da mulher?
- Também não. Só penso na minha condição.
- Trata-se então de uma jovem alienada?
- Por favor, não me julgue, só me entreviste. Não sei mentir, estaria mentindo se dissesse que me preocupo com as mulheres em geral, me preocupo só comigo, estou apaixonada. Ele é casado, velho, milhares de filhos. Completamente apaixonada.
- Uma pergunta indiscreta, posso? Você é virgem?
- Virgem (Telles, 2009, p. 160-161).

Sua única forma de comunicação com o exterior é a janela, elemento ambíguo do domínio da casa, segundo Faria (1997), pois se situa na fronteira entre o mundo exterior e o mundo interior, enquanto limite entre a rua e o espaço doméstico. Da janela, pode-se ver a rua. “A mulher está sempre na janela, é simples espectadora da vida e não sujeito dela. Fica apenas vendo a vida passar ou desempenha o papel de objeto sexual do homem, é um mero produto nessa vitrine doméstica ou comercial” (Faria, 1997, p. 72). O mesmo se pode dizer a respeito de Lorena:

A janela do seu quarto acabou de se acender, ah, Lião [...]. Calço a sandália, troco de camisa e depois de cobrir o pé de Ana Clara que se descobriu, saio como aprendi com Astronauta, deixando o corpo físico e só levando o corpo sutil. [...] Arranho a veneziana. Ela abre e enquanto pulo meu coração se fecha: a última vez que estou pulando esta janela e entrando neste quarto (Telles, 2009, p. 249).

Mesmo assim, nesse isolamento (auto)forçado e proposital, Lorena tenta, num processo de negação, romper com as amarras da sua família e buscar sua própria identidade, mediante seus devaneios, memórias, imaginação e fatos passados. Entre as suas histórias, não se sabe o que é real nem o que é fictício, como se a personagem vivesse a todo o momento na fronteira entre o real e o irreal, numa linha tênue entre a realidade e as aparências. Tanto é que, ao acobertar com a ajuda de Lia o falecimento de Ana Clara por *overdose*, o que mais quer é manter a amiga, apesar de morta, bela e bem-arrumada, como foi em vida, sempre pronta para ser fotografada para uma capa de revista:

– Por favor, Lião, não começa com ironia, pense um pouco, Ana Clara *não pode* morrer drogada num quarto do Pensionato Nossa Senhora de Fátima. Não pode. Sabe o que isso vai significar para as freirinhas? Para Madre Alix? Ela amava tanto Madre Alix, não havia de querer comprometê-la num escândalo desses, estou fazendo tudo como Aninha gostaria que fosse feito. Deus me inspirou, pedi inspiração e Ele me deu, depois que tive essa ideia cheguei a sentir uma certa paz. Posso mudar, querida. Se a morte não tem remédio, posso ao menos salvar as circunstâncias!
— Você quer dizer *as aparências* (Telles, 2009, p. 272).

Nesse episódio, o ápice da tragédia da narrativa, como diz Tezza (2009, p. 292), “tanto Lia quanto Lorena fogem da responsabilidade concreta de seu primeiro momento-limite de verdade, derrotadas pelo império da convenção e da aparência”, embora seja Lorena quem executa o plano de camuflar a morte da amiga, talvez por já estar habituada a forjar a realidade, da mesma forma que esconder as mortes se tornou *modus operandi* no período da ditadura civil-militar (Brasil, 2007).

Lorena tomando providências sem maior aflição, se chorou foram lágrimas escassas que nem percebi, a Loreninha toda composta acendendo seu incenso e pedindo calma.
– Lógico que você precisa sumir, querida. Deixa o resto por minha conta.
– Que resto?
[...]
– Estou com uma ideia, eu já disse. Deixa por minha conta.
[...]
Vai fazer de conta que Ana está viva. Melhor ainda se lhe vestirmos um *cache-mort* do gênero do *cache-misère* que mãezinha lhe deu, mais importante do que enfeitar a morte seria escondê-la (Telles, 2009, p. 265-267).

Lorena tem essa consciência, mas entende que é impossível para ela assumir outra postura e romper com os laços das convenções do seu estrato social:

Sugere a máscara e tenho horror de máscara. Queria apenas ser verdadeira. Honesta. “O mundo do burguês é o mundo das aparências”, Lião repetiu não sei quantas vezes. Eu e M.N. pertencemos à burguesia, logo, estamos condenados a esse mundo. Mas estamos mesmo? Queria ser mas vou estar na engrenagem do faz de conta (Telles, 2009, p. 195).

Mais um exemplo da manutenção das aparências por parte de Lorena, segundo Oliani (2013), diz respeito ao falecimento do irmão Rômulo, ainda na infância. A narrativa apresenta duas versões dessa morte. Nas palavras da mãe, o filho faleceu quando tinha poucos meses de vida, por consequências de sopro no coração, um problema cardíaco. Todavia, a história que Lorena segue repetindo sobre o episódio é que o irmão foi vítima de uma bala perdida de arma de fogo disparada por outro irmão, Remo, aos 7 anos. A tal arma pertencia a seu pai, fazendeiro, que tinha uma coleção de armas onde a família morava. Ou seja, Lorena toma cuidado com a forma como constrói a imagem de sua família, para que essa imagem não seja ruim perante a sociedade em que vive. Afinal, como bem diz D’Incao (2022), as normas de comportamento são mais toleradas, desde que mantidos as aparências e o prestígio das boas famílias. Esta é sua preocupação constante: como ela é vista pelo outro. A jovem depende da opinião das pessoas e das suas fantasias.

Barreiros (2009) lembra que a “arte de esconder”, desde o século XIX, era um costume bastante recorrente às elites que se autodenominavam de civilizadas e se encontrava nos manuais de bons costumes. No Brasil, por sua vez, teve ampla aceitação por parte de uma sociedade escravocrata que desejava abafar de todas as maneiras as consequências do seu sistema e ocultar a falta de tradição das suas instituições.

Ao mesmo tempo que deseja, ou precisa, a todo custo manter as aparências como se vivesse a vida perfeita, não se sabe que futuro Lorena espera criar para si mesma, ou se o seu desejo é de fato criar algum futuro. Talvez queira apenas repetir a vida da mãe, de acordo com as convenções sociais, os costumes e os hábitos dos Vaz Leme, por eles já lhe serem familiares. Idealiza permanecer virgem até o casamento com M. N., homem com quem sonha um dia se casar, embora ele já seja casado, e que nem se sabe se é real ou não, submetendo-se às amarras do patriarcalismo:

“Quem mais quer se casar, Lorena? Quem? Só os padres e as prostitutas. E um ou outro homossexual, entende?” Quis dizer: eu, eu! Adoraria me casar com M.N., não existe uma ideia mais joia, queria me casar com ele, sou frágil, insegura. Preciso de um homem em tempo integral. Com toda a papelada em ordem, acredito demais em papel, herdei isso da mamãezinha (Telles, 2009, p. 73).

Ao longo da narrativa, em devaneios com M. N., Lorena vai revelando seus pensamentos sobre diversos assuntos importantes para a sua geração e que eram pauta na época (Oliani, 2013), como é o caso de virgindade, casamento, fidelidade, namoro, divórcio etc. Esses temas eram discutidos especialmente entre os jovens das décadas de 1960 e 70, que ansiavam por um mundo diferente do que lhes era apresentado. Só o fato de as mulheres à época se autorizarem a pensar sobre tais assuntos já era indicativo de um grande avanço para elas, a quem era permitido até então apenas sujeitar-se sem questionamentos à lógica patriarcalista, traduzida pelas ordens do pai, num primeiro momento, e do

marido, depois do matrimônio. Ao problematizar esses conflitos, estes acabavam por incidir nos valores individuais e, em certos casos, modificá-los.

Importa lembrar que M. N. é casado e pai de cinco filhos, o que não impede Lorena de desejá-lo. Caso viessem a concretizar um relacionamento, ela seria sua amante:

Mas se chego e digo: tenho um amante. [Minha mãe] Vai escancarar os olhos e empalidecer num susto que pode durar algumas horas, sempre demora um pouco para se acomodar às novas situações. “Um amante?” Procuo depressa um argumento decisivo: Você não há de querer que eu fique virgem para o resto da vida, certo? Certíssimo, isso não desejaria em nenhuma hipótese, já fez milhares de alusões irônicas sobre as que morrem virgens e viram estrelas. Não vai querer que eu fique lésbica, se não ando com homem tenho que andar com mulher, não tenho? Ela sacode a cabeça apavorada, não, não! Embora catastrófica, nesse momento não está pensando no pior que possa me acontecer mas sim numa hipótese normal, saudável: por que um amante e não um noivo? Me concentro para fazer desfilar todos os argumentos da Lião contra o casamento. Argumentos fraquíssimos, acho o casamento a melhor coisa do mundo, eu me casaria com M. N. em vinte mil igrejas e cartórios (Telles, 2009, p. 197).

Nesse caso se manteria a ordem patriarcal de que os homens não são obrigados socialmente, conforme Priore (2011), a serem fiéis, comportamento justificado em artigos da época sobre traição masculina. O conceito de fidelidade no casamento era esperado, por sua vez, das mulheres. Vê-se nessa situação, contudo, que de uma jovem da posição de Lorena, da elite, tampouco se esperava que ela se sujeitasse a ser a *outra*, por isso a surpresa de sua mãe, que questiona: “Por que um amante e não um noivo?” (Telles, 2009, p. 197), afinal a garota tem todos os requisitos exigidos pela sociedade para conquistar um bom partido. Todavia, ficar solteira também seria motivo de vergonha para a família. O mesmo vale para relacionar-se com pessoas do mesmo sexo.

Não obstante, Lorena não avança do estágio reflexivo para mudanças concretas de comportamento, mantendo muitas crenças e a si mesma sob a proteção de uma postura mais tradicional. É o caso da virgindade, por exemplo, mais uma imposição do patriarcalismo à qual a jovem se sujeita. Lorena deseja perder a virgindade somente após o casamento, a despeito da época de liberação sexual em que vivia. Assim, não se entrega a homem nenhum, provavelmente porque precisa manter a postura de mulher recatada e pura, a imagem que a sociedade espera dela. Tal atitude condiz com a crise da tradição patriarcal das décadas de 1960 e 70, período em que as transformações socioculturais foram graduais. A defasagem entre o que Lorena pensa e o que faz, oscilando entre uma posição convencional e uma ruptura com as convenções, é fruto desse processo de crise.

A virgindade, portanto, era ainda vista como um tabu entre algumas jovens do período, de modo especial entre as mais conservadoras, como era o caso de Lorena, no entanto a jovem em seus devaneios já reconhece que as convenções sociais mudam de tempos em tempos, ou seja, o que era tabu antigamente

talvez não seja mais tão tabu nos dias correntes. Também, tem consciência de que pertence a uma classe mais privilegiada do que as demais mulheres com quem convive. Logo, a ela são permitidas mais liberdades do que às demais, ou a punição para erros e deslizes é menor:

“O tesouro de uma moça é a virgindade”, ouvi mãezinha dizer mais de uma vez às mocinhas que trabalhavam na casa da fazenda. Como nunca mais fez essa advertência, calculo que o tesouro só era válido para aquele tempo. E para aquele gênero de mocinhas, filhas de colonos ou órfãs (Telles, 2009, p. 197).

Conforme Faria (1997), na década de 1960, a sexualidade ainda não era plenamente vivida pela juventude da época, com destaque para o sexo feminino. Em termos sociais, precisava-se mascarar a sexualidade, embora o discurso de negação do antigo modelo conservador estivesse ascendendo. Mesmo com o desenvolvimento do anticoncepcional, uma das consequências da liberação à sexualidade feminina, não se podia dedicar muito tempo ao sexo, com a política, a revolução e o trabalho apresentando-se quase que como dissipadores de energia. Embora se tenha vivido a chamada revolução sexual, segundo Ventura (1988, p. 34), essa revolução era “mais uma explosão de vontade e intenções do que de realizações”. Falava-se e escrevia-se mais sobre do que se fazia sexo. Isto é, a liberação era mais aparente do que realidade. Apesar da liberação da mulher e da mudança de costume, garante Priore (2011) com base em revistas da época, a mulher após o casamento deveria ser “essencialmente pura, basicamente fiel”.

A prática da masturbação, porém, era permitida às mulheres, desde que ficasse às escondidas. Os constantes banhos relatados na narrativa demonstram que Lorena se masturba constantemente. A jovem revela o hábito ao descrever sua segunda masturbação:

Entrei na banheira vazia, deitei-me no fundo e abri a torneira. O jorro quente caiu no meu peito com tamanha violência que escorreguei e ofereci a barriga. Da barriga já pisoteada o jato passou para o ventre e quando abri as pernas e ele me acertou em cheio senti num susto a antiga exaltação artística [...]. Escondi nas mãos a cara querendo fugir e ao mesmo tempo colada ao fundo da banheira com a água subindo destemperada, já me cobria inteira, as borbulhas rebentando no meu queixo, por que não abri o ralo? Saciada e insaciada ela (ou eu) pedia mais, a boca. Penetrou-me, encachoeirada, tapou-me o nariz, pronto, vou morrer! pensei num salto. Fugi aos pulos. Era o amor? Era a morte? Uma coisa só (Telles, 2009, p. 25).

A perda da virgindade antes do matrimônio e, por consequência, a prática da masturbação eram malvistas, sobretudo por conta da Igreja católica, cujo conjunto de valores, práticas e dogmas o Brasil adotou, ainda no período colonial. Afinal, ao abafar a sexualidade feminina, garantiam-se o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a ordem das instituições. Partilhando da essência de Eva, a primeira mulher da história da humanidade a cometer pecado e a ser punida por isso, a mulher tinha de

ser permanentemente controlada, ou aproximar-se da figura de Maria, a mulher que pariu virgem o salvador do mundo (Araújo, 2022).

Em um contexto conturbado, em que muitos assuntos eram pauta de discussão, o sexo e tudo o que o envolve eram temas frequentes do debate público. Lorena, por exemplo, sente a necessidade de falar sobre, mas para isso ainda usa uma linguagem mais neutra, não tão explícita, e eufemismos, como deveria ser à época entre sobretudo as jovens, segundo Priore (2011), pois fora criada por pais extremamente conservadores.

Confesso que de vez em quando preciso falar nisso, provoco o assunto, alimento as reações, me exponho a todas as consequências numa necessidade tão aguda de ficar centro-de-mesa. Mas de repente me vem um pudor (não sei se será exatamente pudor) e não suporto a menor referência, problema meu, friso e levanto a cerca de arame, proibida a entrada de pessoas estranhas (Telles, 2009, p. 117).

Seja como for, por ter a condição financeira mais estável entre as protagonistas da narrativa, Lorena funciona como um suporte para as amigas, ora em termos econômicos, ora oferecendo conselhos a elas (Boldorini; Meira, 2020). Ao mesmo tempo, Lorena também apoia a mãe, quando esta enfrenta problemas em seus relacionamentos amorosos. O apoio dado por Lorena às amigas e à mãe de certa forma representa o poder burguês na sociedade, ou seja, o fato de o comando estar nas mãos da burguesia.

Assim como é o suporte para as amigas e para a mãe, Lorena é, ou se diz, amante de M. N. Em todos esses cenários, a jovem fica em segundo plano, reforçando a lógica patriarcalista, que vê a mulher como coadjuvante da história, no papel de cuidadora, de mantenedora da ordem e de administradora do lar, postura condizente com o que se espera da mulher numa sociedade estruturada com base no patriarcalismo. Conforme Oliani (2013, p. 72):

Ao permanecer fixada numa fantasia cujo erotismo não vai além do cortejo romântico, Lorena expõe a sua inexperiência da vida erótico-amorosa, a sua condição de moça virgem sonhadora. Esta condição, que alia virgindade e inexperiência revelam-na ocupando o lugar convencional da moça casadoura na tradição patriarcal.

Ao fantasiar-se como amante de um homem casado, Lorena reforça o seu apego aos lugares que a tradição patriarcal oferece aos homens e às mulheres. Ela tem a necessidade de manter-se submissa, ocupando a posição de mulher tradicional. Portanto, conforme Rodrigues (2014), ao longo do romance Lorena acaba pouco a pouco desistindo de conquistar sua independência, para enfim reduzir-se àquilo que acredita que seja o certo: manter-se na posição de resolver os problemas de todos à sua volta, assim como faz enquanto mora na pensão, o que culmina em voltar para a casa da mãe, após o marido deixá-la, para cuidar desta.

- Não. Só mãezinha que falou umas cinco horas comigo logo depois que você saiu. Quer que me mude ainda esta semana, já pensou?
- Você vai?
- Prudentemente, Lorena cheirou a malha que abriu no chão. Enrolou-a com as meias que estavam entre os jornais.
- Tenho que ir, Lião. O analista, Mieux e mais o drama da velhice. Sinistro esse drama, de repente ela ficou com cem anos. Precisa de mim (Telles, 2009, p. 253).

Esse pensamento concretiza-se igualmente, por exemplo, em relação ao que pensa quanto à situação de Ana Clara. Pensa que o casamento seria a salvação para a amiga libertar-se das drogas e da vida desregrada que leva, com o que Lia não concorda:

- Você acredita que casamento rico vai resolver? – perguntou Lia. Teve um sorriso triste: – Devia se envergonhar de pensar assim, Lorena. E vai sair casamento? O moço então não está sabendo de toda essa curtição? Ao invés de ficar pensando no milagre do casamento você devia pensar num milagre de verdade, entende? Não sei explicar mas vocês, cristãos, têm uma mentalidade tão divertida (Telles, 2009, p. 30).

De acordo com Oliani (2013), Lorena tem sinais de querer romper com a lógica patriarcalista em que está inserida, mas ao mesmo tempo vê a instituição matrimônio tradicional como uma opção para si e para as amigas. Talvez seja o caminho mais fácil a ser seguido, o correto, aquele que receberá a aprovação da sociedade e, especialmente, de sua mãe, sem lembrar-se de que existem outras alternativas. Vê o casamento dessa forma porque se considera frágil e, por isso, necessita de um homem em tempo integral ao seu lado, ou foi ensinada a pensar assim. Tal maneira de pensar foi herdada da mãe, cujo pensamento é o mesmo. Lorena foi criada nessa estrutura patriarcalista e acredita nela.

Interessa observar que questionar os valores institucionais era, conforme Ventura (1988), moda entre as jovens dos 20 aos 30 anos da geração dos anos de chumbo, a fim de sustentar o desdém do que chamavam de “casamento burguês”, que envolvia a monogamia, a fidelidade, o ciúme e a virgindade. Para tais mulheres, na prática, isso significava deixar a condição de apêndice econômico e a segurança de um lar para aventurar-se existencialmente, o que poderia advir da busca de uma profissão, de novas e descomprometidas relações, ou mesmo da solidão. “A disposição dessas jovens mulheres era, pelo menos, não repetir o erro de suas mães. Elas não queriam ser tão infelizes quanto julgavam ter sido a geração anterior” (Ventura, 1988, p. 30). É importante lembrar, porém, que, de acordo com o autor, à época as mudanças comportamentais não eram entendidas como um sinal de avanço, mas sim de retrocesso. Eram sintomas da decadência da burguesia.

Embora os anos de 1960 e 70 fossem de muitas mudanças, cada vez mais velozes, diga-se de passagem, a reação a essas mudanças em curso também era bastante grande por alguns setores da

sociedade. Conforme Priore (2011), uma minoria bem-educada e progressista, composta principalmente de mulheres, contrastava com a grande massa que se limitava ainda à casa e à família. A autora comprova sua argumentação com uma pesquisa feita em todo o Brasil pela revista *Manchete* e publicada em janeiro de 1974, um ano depois da publicação de *As Meninas*, demonstrando que as mulheres pareciam mais focadas em ser vistas como objeto de desejo masculino do que em atuar como protagonistas da história. Não demonstravam interesse por questões políticas e, ainda menos, pela luta pela igualdade salarial, algo que já estava assegurado pela legislação. Valorizavam profundamente a maternidade e, embora apoiassem o uso de anticoncepcionais, eram contrárias ao aborto. Eram igualmente favoráveis ao divórcio e acreditavam que o casamento sem amor não era válido.

Considerando que muito da forma de pensar de Lorena vem de sua mãe, cujo nome não se sabe, também se faz importante dedicar um espaço dessa análise a ela. A *mãezinha*, como é chamada pelas meninas na narrativa, é, tal qual a grande maioria das mulheres da elite depois dos 40 anos da sua época, uma típica representante do sistema patriarcal; idealiza, como bem diz D’Incao (2022), um ambiente familiar sólido, um lar acolhedor e dedica-se totalmente aos filhos e ao marido, sendo sua companheira na vida social, em detrimento de si própria ou de qualquer trabalho produtivo:

– Me obrigava a sair quase todas as noites, festas, festas, Você não quer ir? Então vou sozinho. Eu não queria ir mas ia, mais vestidos, mais cabeleireiros, desde cedo me enfiava no cabeleireiro, andava com o couro cabeludo ardendo de tanta tintura, tanto penteado, descansi um pouco quando comprei cinco perucas, era mudar a peruca, pintar a cara e sair correndo atrás dele, botes, jantares, coquetéis, vernissages. [...] Meu olho fechando, minha cara caindo [...]. Mas o que tem você?, ele perguntava. Está cansada? Não, absolutamente, estou ótima, eu respondia querendo me deitar em cima da mesa de tão exausta, comecei a tomar estimulantes para aguentar de olho aberto as noitadas (Telles, 2009, p. 235-236).

Quer mostrar-se liberal em razão dos novos tempos, mas ainda está presa às amarras do patriarcalismo e calcada no conservadorismo: “Ela desanda a fumar um cigarro depois do outro, sinal de insegurança. Para mostrar como está atualizada faz seu canto à juventude sem espartilho, libérrima mas não deixa de expor algumas das suas perplexidades” (Telles, 2009, p. 197). Suas atividades resumiam-se a tarefas menores exercidas no interior do espaço doméstico: “Mãezinha fazia goiabada, cuidava do jardim, bordava toalhinhas e era glingue-glongue. Agora faz plástica, massagem, análise e principalmente faz amor com outro homem” (Telles, 2009, p. 65). Assim, tinha tempo para a leitura de romances açucarados: “Li na minha adolescência um livro encantador, ninguém mais lê esse livro mas a geração da

minha mãe se deliciou com ele, *As Meninas Exemplares*, da Condessa de Ségur⁸, você já ouviu falar?” (Telles, 2009, p. 229). Tais romances incentivavam a idealização das relações amorosas e das perspectivas de casamento, forçando-se a estar num relacionamento, mesmo que este não lhe agradasse: “Mudou a circunstância. E ela? Igual. Não fica à vontade com Mieux como ficava com paizinho, é lógico. Representa” (Telles, 2009, p. 65).

Embora com dinheiro, e esse dinheiro pertença a ela, é o homem com quem se relaciona quem tem a última palavra nas suas decisões, mesmo no que concerne à própria filha, que era apenas a enteada do atual marido. Segundo Marcon e Arendt (2015), ela reproduz o estereótipo mãe-esposa-dona de casa, e o marido exerce dominação sobre ela. Tanto o é que, quando o marido a abandona, se vê sozinha no mundo, quando apenas não tem um homem ao seu lado. “Esta postura crônica da autora leva-nos a reforçar sua crítica com relação à ideia de que o casamento deve ser encarado como uma obrigação e, mais do que isso, como objetivo maior da vida de uma mulher” (Marcon; Arendt, 2015, p. 217).

Insegura quanto ao próprio corpo, a mãe de Lorena recorre a cirurgias plásticas, sempre com a intenção de evitar o envelhecimento: “Mas continua insatisfeita e catastrófica. Com mais medo da velhice porque já está na velhice, coitadinha” (Telles, 2009, p. 65). Essa insegurança, segundo Priore (2011), vem do fato de que nos anos 1960 e 70 se começou o movimento de democratização da beleza, com a multiplicação de cosméticos, academias e consultórios de cirurgia plástica. Crendo-se a beleza mais fácil de ser alcançada, forjou-se com esse pensamento a intolerância à fragilização dos corpos, bem como a ojeriza pelo envelhecimento, o que fica evidente na narrativa lygiana, embora não se consigam ocultar totalmente o passar dos anos, nem as aparências: “As lágrimas correm, correm na cara esticada, sem o menor vinco. Mas as mãos são tortuosas como raízes expostas de uma planta arrancada da terra” (Telles, 2009, p. 227).

Analisando a paisagem que circunda a *mãezinha*, o seu apartamento, por exemplo, descrito pelo narrador em uma visita de Lia, é possível ter uma ideia de como essa mulher se entendia e/ou pensava. Vê-se uma sala repleta de espelhos por todos os lados, bem como um lustre de pingentes de cristal, refletindo toda a luz que envolve o ambiente. O narrador nesse ponto traz também a figura mitológica de Narciso, ou seja, um paradoxo do identitarismo, numa tentativa de comparar o mito com a classe social que se quer descrever com o episódio:

Na parede, os altos espelhos refletindo-a em todos os ângulos. “Como tomar um porre de si mesma.” Inclinou-se rápida até ficar abaixo do nível das molduras. Sentou-se no

⁸ Escritora russa do século XIX conhecida por suas obras de literatura infantojuvenil, que se assemelhavam aos contos de fadas, ou seja, propunham que o bem vencia o mal, era sempre possível corrigir os erros e crianças eram os protagonistas das histórias.

tapete. Como Narciso podia ser livre, escravizado como estava à própria imagem? Sorriu. Lorena também gostava de espelhos igualzinha à mãe (Telles, 2009, p. 221).

Os muitos espelhos da sala da mãe de Lorena refletem a imagem da burguesia, uma classe preocupada essencialmente consigo mesmo, como a legítima representante da moral e dos bons costumes. Já Narciso, ser mitológico que despreza os outros por não serem tão belos quanto ele, é apontado na passagem como o exemplo da fixação por si mesmo. Assim como a figura mitológica, na sua perspectiva, afirma Rodrigues (2014), a elite era o bastante, o suficiente para si. D’Incao (2022) segue na mesma linha. Para a autora, a família burguesa é um mundo em si, não firma grandes laços com a sociedade inclusiva e é autossuficiente e isolada em si mesma.

Logo, tanto mãezinha em sua sala com muitos espelhos quanto Lorena em sua concha são figuras típicas de uma classe social hermética, cristalizadas pela e na ideologia dominante e patriarcalista. Embora ambas sejam mulheres que questionem as convenções sociais e os paradigmas de sua época, problematizando seus papéis e autonomia, ao buscar sua emancipação, acabam por não conseguir transgredir os limites, haja vista a força dos ideais preestabelecidos e das regras da sociedade em que estão inseridas e que estruturam toda uma ordem social. Lorena e mãezinha flertam com a ruptura do modelo posto, mas têm dificuldade de romper com ele, talvez por suas normas já terem sido perpetuadas muito antes e estarem em voga há séculos, pois, como bem diz Lorena: “Análise, amores e sapato de brilhante podem mudar alguém? Acho que todo mundo segue igual até o fim” (Telles, 2009, p. 65).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Silva (2014) assevera que, nas obras lygianas, a relação íntima entre as personagens, o ambiente social e o meio exterior influencia as mudanças interiores e o processo de autoconhecimento e amadurecimento das figuras retratadas. O mesmo faz Moisés (2012, p. 583), quando diz que sua literatura “desce a pormenores que apenas um olhar voltado atentamente para o mundo exterior pode captar”, mas “revela ao mesmo tempo uma interioridade povoada de emoções e sentimentos antagônicos”.

Ao longo da narrativa, Lygia Fagundes Telles por inúmeras vezes problematiza o casamento tradicional enquanto modelo instituído a ser seguido, demonstrando que o patriarcalismo enfrentava uma crise à época em que o romance foi escrito. Pelas falas das personagens, valores conservadores são colocados em xeque diante de comportamentos mais progressistas, trazidos por movimentos populares e sociais, como o feminismo, que teve uma grande retomada no Brasil na década de 1970, lutando por direitos das mulheres e resistindo à ditadura civil-militar em voga. Talvez como reflexo do autoritarismo vivido pelo Brasil na época, numa busca por respostas para a crise de valores da sociedade moderna, tem-se a angústia e o medo pela condição existencial, que se manifesta para cada personagem de uma maneira.

Lorena, por exemplo, o objeto central deste artigo, aliena-se e enclausura-se em sua concha, em que se sente protegida.

Lorena é uma das personagens que tipificam o panorama da juventude brasileira das décadas de 1960 e 70, bem como que expõem a crise e as continuidades de valores e comportamentos individuais e coletivos calcados no patriarcalismo. Trata-se da personagem que mais se destaca na contação da narrativa. É ela que relata boa parte da sua história e da história das duas amigas. Não se pode esquecer, porém, que a jovem é a representante da classe média, outrora burguesia, na obra, e é a sua voz que Lygia Fagundes Telles decide usar por mais vezes para narrar a história, seja a dela, seja a de outrem. Pensa-se, assim, que, com essa atitude, a autora reproduz o *status quo* da burguesia. Isto é, a burguesia sempre teve o direito de contar a história por sua perspectiva, e o mesmo ocorre em *As Meninas*. Embora abranja outros ângulos, como a da militante e a da classe periférica, abordados em outras oportunidades, a história burguesa nesse caso sobressai, bem como sua visão de mundo sobre os episódios apresentados na narrativa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, É. C. A democracia brasileira entre ratos e vampiros: relendo Lygia Fagundes Telles. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 56, e5614, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40185614>. Acesso em: 05 jul. 2025.

ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, M. (org.); PINSKY, C. B. (coord.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2022. p. 45-77.

BARREIROS, D. P. A crise de 1929 e duas elites: São Paulo e Rio de Janeiro diante da Grande Depressão. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 128-144, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2009.1.1365>. Acesso em: 05 jul. 2025.

BINZER, I. V. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

BOLDORINI, M. G.; MEIRA, R. B. As filhas dos homens e os espelhos: o olhar feminino em romances de Rachel de Queiroz e Lygia Fagundes Telles. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2020.1.35086>. Acesso em: 05 jul. 2025.

BOTELHO, A. C. B. S.; LEITE, C. V. L. C. Gênero e crítica social em “As Meninas” de Lygia Fagundes Telles. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 225-238, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/lep.v19i2.41234>. Acesso em: 05 jul. 2025.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. *Direito à verdade e à memória*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

CARVALHO, J. M. *A construção da ordem*. Brasília: UnB, 1980.

CHALHOUB, S. Diálogos políticos em Machado de Assis. *In*: CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. M. (org.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 95-122.

CORDEIRO, J. M. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade em São Paulo: direitas, participação política e Golpe no Brasil, 1964. *Revista História*, São Paulo, n. 180, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2021.167214>. Acesso em: 10 jul. 2025.

DALCASTAGNÈ, R. Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 21, p. 33-53, jan./jun. 2003.

D’INCAO, M. Â. Mulher e família burguesa. *In*: DEL PRIORE, M. (org.); PINSKY, C. B. (coord.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2022. p. 223-240.

FARIA, L. *Ideologia e utopia nos anos 60: um olhar feminino*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

FERRETTI, D. Z. O uso político do passado bandeirante: o debate entre Oliveira Vianna e Alfredo Ellis Jr. (1920-1926). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p. 59-78, 2008.

FICO, C. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 37, p. 29-60, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882004000100003>. Acesso em: 20 jul. 2025.

FURTADO, J. F. Família e relações de gênero no Tejuco: o caso de Chica da Silva. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 24, p. 33-74, 2001.

MARCON, D.; ARENDT, J. C. Sobre a representação da mulher em *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles. *Revista Língua & Literatura*, Frederico Westphalen, v. 17, n. 28, p. 205-220, ago. 2015.

MOISÉS, M. *A literatura brasileira através dos textos*. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

MOTTA, R. P. S.; REIS, D. A.; RIDENTI, M. *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do Golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

OLIANI, N. G. *As representações da mulher em As Meninas, de Lygia Fagundes Telles*. 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação Letras, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2013.

PATEMAN, C. *O contrato sexual*. Tradução: Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PRIORE, M. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

PRIORE, M. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011.

PRIORE, M. *Histórias da gente brasileira: República – testemunhos*. São Paulo: Leya, 2019. v. 4.

RIBEIRO, L. C. *O bildungsroman feminino de Lygia Fagundes Telles: uma leitura da mulher brasileira no século XX*. 2017. 219 f. Tese (Doutorado em História da Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.

RODRIGUES, V. A. V. *As marcas da memória na escrita de As Meninas de Lygia Fagundes Telles*. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2014.

SILVA, R. M. *O bildungsroman e a circularidade dos motivos memoráveis nos romances de Lygia Fagundes Telles*. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2014.

TELLES, L. F. *As meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TEZZA, C. As Meninas: os impasses da memória. *In: TELLES, L. F. As meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 285-293.

UMBACH, R. K.; HERMES, E. S. História e figuração as personagens em *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 1-17, set.-dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/202224305>. Acesso em: 22 ago. 2025.

VENTURA, Z. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.